

LITERATURA, EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: UMA ANÁLISE DO CONTO *O PECADO* DE LIMA BARRETO

LITERATURE, EDUCATION AND ETHNO-RACIAL RELATIONS: AN ANALYSIS OF LIMA BARRETO'S SHORT STORY *O PECADO*

Lillian Carlos Campos¹

Camila Maria Santos de Pinho²

Elni Elisa Willms³

RESUMO: Literatura, questões raciais e educação são três potentes eixos de reflexão para uma equidade na educação brasileira. A lei federal brasileira 10.639/03 discute o ensino da cultura africana e afro-brasileira nas escolas. Para contribuir com esse processo, o objetivo do texto é analisar o conto “O Pecado”, de Lima Barreto, escrito em 1924, um texto literário que evidencia as violências raciais na construção do que é ser negro no Brasil e os enlaces que essas questões desencadeiam ainda hoje. Traça-se um paralelo entre a vida do autor, do ponto de vista profissional e pessoal, com as discussões de sua narrativa vivida, que foi transposta para a ficção. Empresta-se de Conceição Evaristo (2005, 2009, 2013, 2016, 2020) o conceito de “escrevivências” para debater a narrativa negra enquanto potência de discussão social e de mudança coletiva. O conceito de epistemicídio, apresentado por Sueli Carneiro (2005), endossa a discussão do negro intelectual invalidado no ambiente intelectual e, Renato Nogueira (2010, 2014), auxilia na compreensão, por meio da epistemologia afroperspectivista, para pensar uma equidade na educação com potência para a libertação humana. Enquanto resultado da análise, observa-se que a obra de Lima Barreto apresenta-se ainda hoje como uma crítica social à condição do negro, através de uma analogia religiosa presente no conto em questão. A literatura, por sua vez, é um importante instrumento que permite aferir os desafios da negritude em espaços de intelectualidade, levando a discutir a disparidade em tais espaços. Por fim, considera-se que o negro-autor é também o objeto narrado e ficcionado na sua escrita, rompendo assim os limites da palavra texto, para pensar a palavra-viva.

Palavras-chaves: Literatura; educação; relações étnico-raciais.

ABSTRACT: Literature, racial issues and education are three potent axes of reflection for an equity in Brazilian education. The Brazilian federal law 10.639/03 discusses the teaching of African and Afro-Brazilian culture in schools. To contribute to this process, the objective of this

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Rondonópolis - UFR.

² Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT - Campus Rondonópolis.

³ Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP). Professora Associado I da Universidade Federal de Mato Grosso UFMT, no Instituto de Educação, curso de Pedagogia. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal de Rondonópolis.

paper is to analyze the short story "O Pecado" (The Sin) by Lima Barreto, written in 1924, a literary text that highlights the racial violence in the construction of what it is to be black in Brazil and the links that these issues still trigger today. A parallel is drawn between the author's life from a professional and personal point of view, with the discussions of his lived narrative that was transposed to fiction. We borrow from Conceição Evaristo (2005, 2009, 2013, 2016, 2020) the concept of "writingvivences" to discuss black narrative as a potency for social discussion and collective change. The concept of epistemicide presented by Sueli Carneiro (2005), endorses the discussion of the intellectual black invalidated in the intellectual environment and, Renato Nogueira (2010, 2014), helps in the understanding, through the Afroperspectivist epistemology, to think an equity in education with potency for human liberation. As a result of the analysis it is observed that Lima Barreto's work presents itself even today as a social criticism of the condition of black people through a religious analogy present in the short story under analysis. Literature, in turn, is an important instrument that allows us to assess the challenges of blackness in intellectual spaces, leading to a discussion of their disparities. Finally, it is considered that the black-author is also the narrated and fictionalized object in his writing in which he writes from a place where literature breaks the boundaries of the word-text, to think the living-word: we still hear his voice and his clamor!

Keyword: Literature; education; ethnic-racial relations.

1 Introdução

O objetivo deste texto é construir uma narrativa com os rastros que a literatura, enquanto produção social e cultural, deixou na construção do que é ser negro em um Brasil racista, e os enlaces que essas questões desencadeiam ainda nos dias atuais. Para tal, será utilizado o conto "O Pecado" de Lima Barreto (1881-1922), autor que, apesar das grandiosas contribuições no que diz respeito ao cenário literário, era reconhecido como pouco mais que um alcoólatra, isso quando era lembrado. A vida de Lima Barreto entrelaça-se à sua obra e exemplifica, de maneira emblemática, os infortúnios de se nascer negro e ousar achar-se digno do status de ser humano. E assim como muitos outros negros, teve sua existência aniquilada cotidianamente.

Por uma opção epistemo-metodológica, não separamos a abordagem literária da abordagem teórica sobre racismo e epistemicídio. Como pautamo-nos na "escrevivência" de Conceição Evaristo (2005), é por esse caminho que seguimos, entrelaçando os dois registros ao longo do texto.

Assim, visamos refletir sobre o quanto a narrativa preta, ou uma escrita de autores pretos, desenvolve meios de pensar o lugar de formação identitária da população afro-brasileira, pois "trabalhar esse passado é uma maneira de reivindicar uma posição de dignidade no presente" (EVARISTO, 2020, min. 6:21). Quando é negro o autor, quais os locais reservados para a sua escrita? Podemos fazer ainda outra provocação: que brechas um autor negro pode abrir num campo reservado tradicionalmente para escritores não negros?

A constituição de um sujeito, desde sua inserção no mundo até sua vida adulta, está atrelada a uma série de experiências distintas e formadoras. Sermos seres sociais acarreta-nos uma modelação, constituída também através de nossos pares. Algumas vertentes psicológicas

(SKINNER, 1953, 1981; SAVOIA 1989), como por exemplo a psicologia comportamental e a psicologia social, preocupam-se em investigar padrões de respostas que determinadas situações podem gerar, influenciando a formação intelectual e até mesmo moral de uma pessoa. Outra área do conhecimento que reconhecidamente também influencia nessa formação é a literatura, que segundo Antonio Candido (2004) deve ser um direito de todas as pessoas e é capaz de provocar outras visões do que representa ser humano. Todorov (2014) também reafirma o caráter transformador das narrativas, pois elas partem do que é vivido e por isso são capazes de ampliar visões de mundo, de suscitar e provocar reflexões. Para Antonio Candido (2004), nossa forma de ser e estar no mundo não é

uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração. Isso significa que ela tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. Por isso, nas mãos do leitor, o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco (CANDIDO, 2004, pp. 175-176).

É nesse sentido que autores negros – até hoje – precisam conquistar o espaço da escrita e, por meio dela, fazer aflorarem suas perspectivas reais, conflitos vividos, dores e enfrentamentos, enfim, evidenciar o desafio que é ser negro no Brasil, por exemplo, na atualidade, nesse início do século XXI. Conceição Evaristo (2016), Beatriz Nascimento (2015), Luiz Silva Cuti (2010), Wesley Correia (2013), Carolina Maria de Jesus (1996), Fatima Trinchão (2020), Marilene Felinto (1992), entre outros escritores, têm dado visibilidade às subjetividades negras por meio da ficção: poemas, romances e narrativas que apresentam o modo de ser e estar negro na sociedade brasileira, calcados na realidade atravessada por conflitos há séculos. O leitor – negro ou não –, ao tomar contato com essas obras, constrói uma relação de troca, de questionamento, de afirmação ou provocação, e assim algumas estruturas começam a ser abaladas.

Apesar de haver diversos meios pelos quais essa relação pode ser estabelecida, o denominador comum entre elas é o fato de a experiência cultural apresentar forte influência na formação humana. Há estudos no campo psicológico que destacam a constituição do sujeito pela cultura em que está inserido (LANE, 1981; MYERS, 2000). Já na antropologia, a cultura está relacionada a um conjunto de elementos transmitidos entre gerações (DOVE, 1998), ou seria entendida enquanto processo auto formativo que potencializa tanto o produto quanto o produtor, artista e espectador, o sujeito e seu ambiente, ou seja, a cultura em seu caráter dinâmico:

A apreensão imaginária do mundo e sua conseqüente organização do real ocorre por meio do trajeto antropológico, o que significa dizer que não há um sujeito em oposição a um objeto, mas uma troca incessante entre o subjetivo e o objetivo, de modo que o sujeito é tão carregado de experiências objetivas quanto a objetividade o é de olhares subjetivos”. (FERREIRA-SANTOS e ALMEIDA, 2016, p. 78)

Nessa troca incessante entre o que é vivido e o que é lido ou percebido subjetivamente, a pessoa vai construindo processualmente uma certa apropriação de mundo. Ela consegue, por

exemplo, perceber-se como bem aceita ou como presença incômoda. O negro, na sociedade brasileira, tem sido colocado historicamente na subalternidade. Todo um processo de não dar visibilidade aos negros, como projeto social, foi amplamente implementado no Brasil. Vamos discorrer um pouco mais sobre isso a seguir.

2 O papel social da literatura

Todorov (2014), ao elaborar sobre a importância da literatura no processo de formação dos sujeitos, aponta o ato de conhecer novos personagens como algo que nos coloca diretamente em contato com outras perspectivas e personalidades, o que inevitavelmente amplia nosso repertório social. Ainda nessa passagem, o autor afirma que isso se dá, “pois, cada ação tem o ponto de vista do seu autor” (pp. 80-81). Talvez por isso Lima Barreto tenha enfrentado tanta dificuldade em relação à sua escrita, ele falava de um lugar que pouco interessava à classe dominante, ou seja, do subúrbio carioca e, além disso, usava uma linguagem mais coloquial, característica do movimento pré-modernista, mais próxima do falar das pessoas pobres, portanto, longe do academicismo que pautava a norma culta. Apesar da educação que recebera – filho de uma professora primária e de um tipógrafo – e o fato de ter sido jornalista, Lima Barreto não deixou de enfrentar as dificuldades oriundas da condição de ser um homem negro em um país com um passado, bem recente, atrelado ao regime escravista (FRAZÃO, 2019). Para romper com essa lógica, utilizou sua escrita como ferramenta crítica ao falar de e para um nicho social que tinha a oferecer pouco mais do que sua força bruta e sua mão de obra, ainda escrava.

Lima Barreto não foi o primeiro escritor negro a produzir um importante material literário no país, mas é sem dúvida um dos precursores a direcionar aos seus personagens um olhar que fugia dos estereótipos do que era considerado ser negro. Nascimento (2006) ao tratar da aculturação da temática do negro em seus escritos ‘O Genocídio do Negro Brasileiro’, destrincha as implicações práticas que o racismo gerou em figuras negras que ocuparam espaços originalmente brancos e que foram aceitos por estes. Todas elas apresentam uma característica em comum: se aproximavam, na medida do possível, de uma estética branca.

Essa busca incessante em se aproximar de tudo que compõe a branquitude, não surge como uma exceção à regra, muito pelo contrário, estamos falando de um projeto e uma lógica em curso, de um processo bem pensado e executado com bastante maestria já há alguns séculos: “Longe de ser espontânea, essa crença foi cultivada, alimentada, produzida e disseminada por um conjunto de dispositivos teológicos, culturais, políticos, econômicos e institucionais” (MBEMBE, 2018, p. 90). As consequências desse processo que o autor chama de necropolítica podem ser observadas, também, através dos adoecimentos físicos e mentais dessas pessoas.

A psiquiatra Neusa Santos (1983) produz, mais especificamente, sobre esse adoecimento mental consequente da opressão originada nessa lógica racista. Para a autora, esse sofrimento psíquico se dá, pois o ego entra em conflito com o ideal de ego, o que em termos mais práticos significa dizer que esse negro socializado através de uma fetichização da brancura, tem para si um ideal de ego branco, o qual se apresenta ao longo de suas relações como um objetivo impossível de ser alcançado. A construção desse ideal de ego embranquecido tem como pressuposto básico a eliminação de quaisquer aspectos do que, outrora, já o configurou como negro. Além de culminar em uma reprodução, de certa forma involuntária, pela vítima desse sistema, na execução das mesmas práticas que o animaliza e/ou o aniquila não apenas de forma individual, mas também, enquanto povo.

Recentemente as dissertações de mestrado de Pinho (2020) e Silva (2020) são exemplos de produções que tematizam as dores, os sofrimentos e também algumas brechas por onde negros e negras podem encontrar algum amparo, seja por meio de participação em coletivos de teatro, narrativas de vida ou por meio da constituição de uma psicologia preta para pensar, acolher e elaborar o que é ser negro e negra no Brasil.

Roger Bastides (1973, apud NASCIMENTO 2016), elenca alguns dos estereótipos mais frequentemente encontrados nas construções narrativas, sendo eles:

o negro bom - estereótipo da submissão
 o negro ruim -estereótipo da crueldade inata, sexualidade desenfreada, imundície, preguiça e imoralidade
 o africano- estereótipo da feiura física, brutalidade crua, feitiçaria e superstição
 o crioulo - dissimulação, malícia, esperteza, selvageria
 o mulato livre - vaidade pretenciosa e ridícula
 a mulata e a crioula – voluptuosidade (p.158).

Esses exemplos de estereótipos utilizados na construção de personagens se funda junto ao imaginário social de tal forma que vira uma crença social. O assujeitamento através da literatura está tão bem estruturado que deixou de ser executado apenas por escritores brancos e higienistas e passou, também, a ser moeda de troca para uma falsa aceitação:

Apegam-se à defesa de que a arte é universal, e mais do que isso, não consideram que a experiência das pessoas negras ou afro-descendentes possa instituir um modo próprio de produzir e de conceber um texto literário, com todas as suas implicações estéticas e ideológicas. (EVARISTO, 2009, p. 17)

Ou seja, a partir do que Evaristo (2009) afirma, essa deslegitimação das experiências de pessoas negras na arte é um local que não permite apreender como as mesmas afetam as obras e não apenas o texto literário, mas outras materialidades estéticas. A ideia da universalidade é construída com base em princípios científicos e históricos que não consideraram a experiência dos povos africanos e originários dentro do território brasileiro. Segundo Ramose (2011, p. 10) “A contradição ressalta o um, para a exclusão total do outro lado. Este parece ser o sentido dominante do universal, mesmo em nosso tempo”. E esse comportamento introjeta no indivíduo uma série de significados e locais para o seu corpo, sempre no sentido de inferiorizá-lo.

Guerreiro Ramos (1995) fala desse processo de apropriação através da narrativa do negro em sociedade, ao expor as distintas maneiras de lidar com o tema. Segundo o autor, há uma prática recorrente de tratar o negro como alavanca para um outro enredo, e nessa dinâmica se encaixa qualquer um dos exemplos citados por Abdias (2016), não importa a história, a narrativa nunca será sobre o negro, isso porque ele não tem nada de relevante a ser acrescentado.

Ramos (1995) diferencia essa situação da seguinte maneira:

O negro-tema é uma coisa examinada, olhada, vista, ora como ser mumificado, ora como ser curioso, ou de qualquer modo como um risco, um

traço da realidade nacional que chama a atenção. O negro-vida é, entretanto, algo que não se deixa imobilizar; é despistador, profético, multiforme, do qual, na verdade, não se pode dar versão definitiva, pois é hoje o que não era ontem e será amanhã o que não é hoje (p. 215).

Ainda que partilhando de todas as demais características, o negro é destituído de sua humanidade ao ser localizado, pelo branco, aquele ao qual se intitula ser no mundo, enquanto Outro. Ou aquele que habita as linhas abissais da não existência. Como afirma Sousa (1983), é apenas na negação de si que este indivíduo vai encontrar a falsa paz de uma pertença imaginária, e ao buscá-la ele acaba reproduzindo tais estereótipos. Mesmo ao utilizar temas que deveriam ser igualitários e humanizados, ao partir dessa perspectiva mumificada do negro-tema, o negro não passa de uma ferramenta textual nas histórias que são narradas. Tendo assim seu corpo, narrativas, experiências e espiritualidades dissecadas e dissociadas de suas experiências.

3 A escrevivência como metodologia na perspectiva afrocêntrica

A reflexão dos caminhos da narrativa na formação do sujeito negro é utilizada aqui metodologicamente a partir da perspectiva de escrevivência da escritora Conceição Evaristo (2005), ou seja, a escrita da autora está impregnada não apenas da sua própria experiência, mas de uma coletividade. Sua escrita fricciona e ao mesmo tempo ficciona um campo de atravessamentos que fala tanto da experiência coletiva de ser negro ou negra no Brasil quanto da vivência singular da própria autora. Assim, na sua escrita há esse jogo de imagem pessoal e a pertença coletiva, enquanto povo e raça negra. Conceição Evaristo escreve a partir de sua experiência de ser uma mulher pobre e negra e, ao mesmo tempo, narra sobre pessoas negras, autores e autoras, que são personagens vivos dentro da sua pluralidade, pessoas que experienciam situações de violência, gozo, afetos e tantas outras que se assemelham e se aproximam muitas vezes das experiências do leitor. Pensar os caminhos de uma narrativa negra é investigar obra, autor, época e sua relação imbricadas com a obra frente ao seu tempo. É disso que trata a escrevivência de Evaristo.

Narrar e refletir sobre essa trajetória, escrever de maneira sensível sobre esse vivido, é aquilo que Evaristo (2005) chama de escrevivência e pode-se dizer que ao seu modo Lima Barreto também o fez, embora não tenha nomeado assim, mas seu conto nos permite afirmar que ali ele, de alguma forma, se conta ou pelo menos, conta a partir de sua experiência como negro.

Essa construção da narrativa e do leitor constitui-se desde a epistemologia do raciocínio ao local sócio político do texto. A virtude do que é escrito, para quem é escrito e o que se anuncia é o elo entre a construção do gosto, da escolha, da possibilidade e também da autoidentificação: “É na e pela linguagem que a odisséia se realiza, pois, é nesta travessia que as metamorfoses têm lugar. O corpo, em contínuo processo de deslocamento e de resignificação, torna-se ele próprio uma geografia [...]”. (MARTINS, 2007, p. 68)

A narrativa das histórias negras sob o viés do outro, em geral, são caminhos que enveredam pelo estereótipo e sofrimento. O conto da escravidão, por exemplo, é o conto do que está subjugado, que não vê formas de construir-se para além desse paradigma. Quando se assume esse controle do que é narrado, a escrita de uma história negra torna-se a convergência da auto identificação com o exposto e, dessa forma, “toma-se o lugar da escrita, como direito,

assim como se toma o lugar da vida”. (EVARISTO, 2005, p. 207)

A justificativa para este texto é a contribuição do contínuo processo de agendas educacionais que sejam igualitárias, antirracistas e democráticas. Espera-se que a reflexão dos impactos do que é lido e como é lido impulse um raciocínio crítico afroperspectivado e comprometido com a lacuna (EVARISTO, 2013). Para fundamentar essa discussão, no próximo tópico é apresentada uma breve sistematização do referencial teórico e epistemológico do trabalho.

4 Intelectualidade negra: caminhos plurais para a potência de vida

A noção de humanidade moderna sustenta-se no princípio do outro enquanto diferente, a quem se reserva uma subcategoria de humanidade. Para definir-se enquanto sujeito, em uma perspectiva científica, eurocêntrica e genocida, postula-se que o corpo preto e toda sua produção intelectual e imaterial está em uma categoria inferior e em alguns casos inexistente: “sem dúvida, os povos africanos foram designados pelo eurocentrismo como os menos desenvolvidos (NOGUERA, 2014, p. 25). Consequentemente, abre-se espaço para um apagamento histórico sustentado por uma agenda assimilacionista. A concepção de mundo fica por sua vez reduzida a uma visão única que, falando nos termos atuais, viraliza e converge na organização social e sistêmica do mundo em que se afirma um jeito de ser – o do branco – e se nega as outras existências – os povos originários e os negros, no caso do Brasil.

Sair da concepção de mero objeto para se fazer e ser como um agente criador de sua própria imagem e experiências é o que Molefi Asante (2009) configura enquanto saída do local de subalterno para agente de sua própria história. A construção da narrativa negra com base na sua própria experiência e produção é pensada a partir da concepção de agência, segundo o autor. A narrativa intelectual está atravessada por uma concepção de universalidade, e são essas definições que estruturam e legitimam quem “segura a caneta”. O primeiro ponto, então, é entender como essas estruturas estão definidas ao olhar a obra do autor. E, por conseguinte, retomar criticamente a potencialidade de sua obra para o leitor.

A tradição letrada exige certas condições específicas de produção e de recepção para o seu exercício, condições essas também desfavoráveis ao negro africano e a seus descendentes. A escrita carece de leitores e de interlocutores. Os lugares de enunciação do escritor e os sujeitos de recepção da escrita, a maior ou menor mobilidade social e econômica de brancos, mestiços e negros, na sociedade em geral e nos meios letrados em particular; o acesso à formação escolar e aos meios de produção, os preconceitos, discriminações e exclusões do sistema são alguns dos fatores que não podem ser relevados quando analisamos, diacronicamente, a produção literária afro-brasileira. (MARTINS, 2007, p. 57)

Quando Lima Barreto decide escrever como falava, pensava e vivia um brasileiro de subúrbio, era essa a experiência enunciativa que ele projetava, tentando abrir uma brecha para que letrados e a sociedade em geral ouvissem os clamores dessa gente brasileira, negra, mestiça, pobre e subalternizada, espoliada de uma participação aos bens culturais destinados apenas aos brancos da elite. Embora sua linguagem fosse simples, o cuidado histórico ao mostrar o

funcionamento da desigualdade, os conflitos étnicos, religiosos e de poder estão presentes em sua escrita sob a forma de denúncia dessa desigualdade.

Considerar uma história como única é perigoso, como aponta Chimamanda N. Adichie (2009), a construção de uma visão epistemológica preta agencia a narrativa de si na diáspora e “assim, somos eternamente responsáveis pela história que fazemos, pois é no presente que projetamos os ancestrais que seremos e, também, é nessa eternidade que prestamos contas para os ancestrais que vivem agora e os mortos-viventes” (FLOR DO NASCIMENTO, 2018, p. 587). Vale pontuar que por diáspora entende-se todos os negros e negras descendentes de africanos que foram dispersados pelo mundo mediante o advento da escravidão e sequestro dos negros e negras de terras do continente africano. (TURE, 2018)

O local do corpo negro na literatura, nessa proposição que aqui fazemos, é pensado a partir da afroperspectiva (NOGUERA, 2014) que por sua vez, é uma perspectiva epistemológica que se baseia na vertente da afrocentricidade e demais teóricos para pensar a noção de educação no contexto brasileiro, a fim de produzir e fomentar uma mirada teórica que quebre a lógica genocida de que fala Mbembe (2018). Essa perspectiva endossa uma série de reflexões a respeito da produção imaterial, da manutenção cultural afro-brasileira e da educação para uma noção de humanidade preta. A construção de narrativas requer um ponto de vista de qual se fala, na raiz da palavra, da fundamentação, ou seja, pensar e produzir a partir de valores e sentidos afro-brasileiros. A noção de humanidade é provocada, é a chama para a memória:

Eu diria que o que nós, coletivamente, esquecemos ou, de modo mais preciso, o que nosso opressor tentou esvaziar de nossa mente foi o significado de ser africano. Também acredito que, embora tenha sido pavoroso o ataque contra o senso de ser dos africanos, ele não conseguiu destruir o africano dentro de nós. Entretanto, alterou-se a percepção ou crença em nosso senso de africanidade intrínseco; e esse senso alterado de consciência é o problema fundamental dos africanos e dos afro-americanos diaspóricos (NOBLES, 2009, p. 277).

Na perspectiva da afrocentricidade o objetivo é trazer a percepção do ser africano, pois o conceito universal de humano, amplamente usado nas produções teóricas enquanto uma categoria eurocêntrica, além de se estruturar enquanto ferramenta de aniquilação histórica de povos não brancos, é a configuração de um sistema unilateral que, sob a égide da universalidade, ditou estruturas do que é humanidade a partir dessa ótica branco-centrada, patriarcal, cartesiana, capitalista e demais eixos de análise derivados dessa raiz ocidental epistemológica.

Assim, tematizando a afroperspectiva, as mudanças em um contexto narrativo são pensadas a partir da escrita da construção de um jogo imagético e filiadas a uma potência da narrativa do eu negro para uma amplitude da noção de si e de sujeito histórico agente de sua própria existência: “Somente por meio de uma profunda interpretação da linguagem e da lógica de nossa própria ancestralidade seremos nós, os africanos diaspóricos, capazes de verificar os significados e compreensões que determinadas comunidades transportaram para o maafa da escravidão” (NOBLES, 2009, p. 281). Para a filósofa Marimba Ani (1994) maafa pode ser entendido como o “Holocausto Africano” marcado pelo comércio escravagista e o extermínio de milhões de civilizações escravizadas. Dessa forma, a potência da narrativa do eu-negro, em sua pluralidade, é uma proposta política e educativa que será discutida no tópico a seguir.

5 Lima Barreto como um condenado – ampliando o olhar sobre o conto *O pecado*

Lima Barreto era considerado um homem abjeto pela sociedade literária da primeira república, período histórico em que o autor viveu. Suas obras tinham um tom denunciatório e sua postura incisiva devia-se às experiências de muitas vezes ter tido sua humanidade desacreditada. Em seu diário íntimo, comentado postumamente pelo seu biógrafo, continham passagens sobre as dificuldades e limitações ocorridas por ser um homem de cor e essas inquietações muitas vezes foram transcritas em seus textos (LOPES; SILVA, 2017). A escrita de Lima não era engessada ou, ainda, uma ferramenta autoritária, mas sim, um meio para transmitir e escancarar o que acreditava que deveria ser dito, principalmente sobre os espaços que frequentava, o “submundo” dos cortiços cariocas. Dentre as diversas mazelas sofridas ao longo da vida, o alcoolismo foi uma das mais duradouras. Lima, que já havia experienciado o silenciamento por diversos âmbitos, encontrou na relação com o álcool mais uma forma de violência (LOPES; SILVA, 2017). Nesse ponto percebemos duas lógicas desumanizadoras atuando sobre seu corpo: O despreparo para tratar a saúde mental e o papel higienizador que os hospícios desempenhavam, principalmente sobre os corpos negros.

Ao transpor para sua escrita o incômodo que sua existência causava no meio social em que vivia, Lima rompe com a lógica do purismo na linguagem, o autor constrói seus textos de forma fluida e de fácil entendimento à população. E assim nasceu *O Pecado*, conto publicado pela primeira vez em 1924, na qual o escritor conta a história de um corriqueiro dia em que São Pedro, mais uma vez, recebeu a lista com a nova leva de almas que seriam encaminhadas ao purgatório. A lista continha informação sobre o nome e as características dos ex-vivos e era preparada pelo escriturário do eterno. São Pedro, responsável por recepcioná-las, pegou a lista pronta e, de forma atípica, deu uma boa olhada nas centenas de nomes que ali estavam, porém um ex-vivo em específico lhe chamou a atenção, cuja descrição era:

P. L. C., filho de..., neto de..., bisneto de... – Carregador, quarenta e oito anos. Casado. Casto. Honesto. Caridoso. Pobre de espírito. Ignaro. Bom como São Francisco de Assis. Virtuoso como São Bernardo e meigo como o próprio Cristo. É um justo. (BARRETO, 1997, p. 36)

Após a leitura, ocorreu ao santo que essa era “uma alma excepcional; com tão extraordinárias qualidades bem merecia assentar-se à direita do Eterno e lá ficar, *per saecula saeculorum*, gozando a glória perene de quem foi tantas vezes Santo” (BARRETO, 1997, p. 36). E por esse motivo, São Pedro questionou a eficiência do trabalho do escriturário e solicitou que o mesmo confirmasse se não havia cometido um erro. Após breve checagem conclui-se que a lista estava correta, justificado através das seguintes palavras do encarregado: “essa alma é a de um negro. Vai para o purgatório”. (BARRETO, 1997, p. 36)

Ao utilizar os dogmas do catolicismo como fio condutor, Lima escancara com ironia as contradições racistas nos discursos utilizados para docilizar os corpos negros. Nas palavras de Abdias do Nascimento:

Para manter uma completa submissão do africano, o sistema escravista necessitava acorrentar não apenas o corpo físico do escravo, mas também seu

espírito. Para atingir este objetivo se batizava compulsoriamente o africano escravizado, e a Igreja Católica exercia sua catequese e proselitismo à sombra do poder armado. (NASCIMENTO, 2016, p. 134)

Essa eugenia religiosa esvazia o indivíduo de suas memórias e vivências ancestrais, destitui-o de todas as características que dão sentido à vida e incutem suas respectivas lógicas, que logo depois são utilizadas como justificativa para o sofrimento causado, como se fosse uma espécie de condenação, nas palavras do filósofo e psicanalista Franz Fanon (2008):

Começo a sofrer por não ser branco, na medida em que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco, “que sou uma besta fera, que meu povo e eu somos um esterco ambulante, repugnantemente fornecedor de cana macia e de algodão sedoso, que não tenho nada a fazer no mundo”. Então tentarei simplesmente fazer-me branco, isto é, obrigarei o branco a reconhecer minha humanidade. (p. 94)

Por meio dos mais variados expedientes ao longo dos séculos foi-se negando a cultura negra por meio de músicas e piadas que diminuem o negro ou que o bestializam. Assim, pouco se diz sobre o negro e quando se o faz é para negar-lhe uma vida digna. Isso fica evidente após o próprio santo afirmar que esse pequeno erro, quase cometido, poderia ter *estragado* o céu daquele momento até a eternidade, mesmo já tendo elencado todas as demais características positivas que fariam de P. L. C., filho de... neto de... bisneto de... um merecedor de ocupar o lugar sagrado ao lado do santíssimo, pelos séculos dos séculos, ou seja, para sempre. Este era o pecado do homem em questão: até não ser, e ao não ser, não perdeu só a possibilidade de desfrutar das vantagens de ter tido uma vida correta, mas também, e principalmente, fora condenado (em vida e em morte) por não ter sido... branco.

Esse projeto cultural, político e econômico de descaracterização dos povos afrodescendentes é executado por meio da linguagem, esse campo carregado de ideologias – para a condenação e para a libertação –, pela forma como o colonizador sempre se referiu aos negros. Segundo Fanon (2008):

A linguagem do colono, quando fala do colonizado, é uma linguagem zoológica. Faz alusão aos movimentos répteis do amarelo, às emanações da cidade indígena, às hordas, ao fedor, à população, ao bulício, à gesticulação. O colono, quando quer descrever bem e encontrar a palavra exata, recorre constantemente ao bestiário. (p. 31)

Assim vai sendo construída, de maneira nada sutil para os negros e para todos os demais, uma ideia de que os povos afrodescendentes não são. A maneira como no conto de Lima Barreto a alma é descrita nos permite, também, visualizar a forma como é realizado o apagamento histórico e de ancestralidade da alma descrita. No conto, o personagem principal não recebe nem o primeiro nome, muito menos o sobrenome, não é concedido também o direito a honrar o nome de seu pai, seu avô ou bisavô. É como se P.L.C viesse do nada, como se não valesse nada, como se não tivesse história nem ancestralidade. Sabemos dele pouco mais do

que o único motivo pelo qual ele não merece subir ao céu: por ser negro. Acontece que esse processo de invisibilização não ocorre só como ferramenta textual ou toque dramático, é na verdade a arte literária imitando uma lógica vigente e bem instituída em nossa sociedade.

Para Renato Nogueira (2010), a distinção entre as perspectivas em relação ao tempo e suas implicações são significativas:

Enquanto as sociedades ocidentais valorizam o tempo a partir do futuro, procuram o progresso na construção de um futuro sempre melhor do que o presente e percebem o passado como um lugar menos ‘avançado’; na cosmovisão africana o passado tem papel chave [...] Neste sentido, as respostas para o presente se encontram na ancestralidade (NOGUERA, 2010, p. 06).

Esse é o projeto em curso na história brasileira: apagar o passado negro da história, todas as realizações das já instituídas sociedades africanas são postas à margem da existência e esse apagamento se constitui como parte importante do aniquilamento em massa. Não se fala da força dos corpos que produziram – e continuam a produzir – a riqueza do país por séculos. Oculta-se. Nega-se no presente como negou-se no passado. Entretanto, para a grande maioria dos povos do continente africano e também para os povos ameríndios, é preciso estar conectado com o passado para ter proposição de futuro. Porém, repassar essa tradição através das gerações mostrou-se como uma tarefa bastante difícil, e a oralidade foi a principal ferramenta de sua manutenção, mas, como já citado, esse apagamento em curso tem origem em uma lógica bem elaborada e implicou em consequências no processo de autopercepção do negro em diáspora.

Sendo assim, são propositivas as constatações feitas por Conceição Evaristo (2005), quando nos lembra sobre essa retomada das narrativas do negro a partir de uma autoprodução. A problemática da construção de personagens negros na literatura não está apenas na frequente ausência, mas sim, e principalmente, em como esses personagens são construídos, sendo esse um braço do epistemicídio à tona:

o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc. (CARNEIRO, 2005, p. 97)

O processo de formação humana que ocorre na literatura, através de identificações, por exemplo, só fará sentido efetivo se o que encontramos nessas histórias for uma narrativa justa e humanizada, distante da folclorização que normalmente ocorre ao serem pautadas as experiências de uma pessoa negra. Segundo Corrêa “aponta-se a literatura como instrumento de

revelação daquilo que está encoberto, da possibilidade de despojar a história do discurso dos vencedores e do reducionismo que este lhe empresta, abrindo espaços para as vozes dos vencidos”. (2013, p. 59)

O autor acerta em utilizar a religião como arquétipo em sua obra, uma vez que é possível encontrar trechos bíblicos que corroboram para a fundamentação de uma ideia de inferioridade africana. Por exemplo, na passagem bíblica que deu origem ao mito de Cam:

Os filhos de Noé que saíram da arca foram Sem, Cam e Jafé. Cam é o pai de Canaã. Esses foram os três filhos de Noé; a partir deles toda terra foi povoada. Noé, que era agricultor, foi o primeiro a plantar uma vinha. Bebeu do vinho, embriagou-se e ficou nu dentro da tenda. Cam, pai de Canaã, viu a nudez do pai e foi contar aos dois irmãos que estavam do lado de fora. Mas Sem e Jafé pegaram a capa, levaram-na sobre os ombros e andando de costas para não verem a nudez do pai, cobriram-no. Quando Noé acordou do efeito do vinho e descobriu o que seu filho caçula havia feito, disse: “Maldito seja Canaã! Escravo de escravos será para os seus irmãos” (BÍBLIA, Gênesis, 9, 18-25).

Cam, filho responsável pelo repovoamento do continente africano, tem nessa passagem toda sua prole amaldiçoada, mas não só isso, no trecho seguinte Noé diz “Bendito seja o senhor, o Deus de Sem! E seja Canaã seu escravo. Amplie Deus o território de Jafé; Habite ele nas tendas de Sem, e seja Canaã seu escravo” (BÍBLIA, Gênesis, 9, 26-27). Essa passagem demonstra uma grande exaltação do filho Jafé, responsável pelo repovoamento das terras localizadas na Europa. Além de se beneficiar da mão de obra escrava de seu irmão, tem em prece feita a Deus pelo seu pai, o pedido para que seu território se expanda. Grandioso é o Deus de Noé, que atende a todas as suas vontades e direciona a seu filho preferido todas as bênçãos pedidas!

A reverberação dessa maldição se entrelaça às justificativas de práticas tais como o regime escravista. Primeiro existe um Deus que é justo, em sequência existe uma malfeitoria digna de punição e por fim essa sequência, nada lógica, justifica o injustificável. Esse tem sido o papel afirmativo da igreja nesse genocídio em curso contra o africano em diáspora. Em uma face ela ameniza e até mesmo retira a culpa de quem executa as práticas aniquiladoras e na outra face dociliza qualquer resistência apresentada. E é por esse motivo que a catequização se mostrou como pilar do projeto de assujeitamento do negro, pois era necessário cindir com as diversas práticas religiosas africanas, exercidas de formas distintas em toda sua extensão territorial, e inculcar o catolicismo como verdade absoluta. Apenas através do sucesso dessa lógica seria possível estabelecer a máxima de que Deus é bom e justo e, se esse mesmo Deus puniu ou permitiu que tanta desgraça caísse sobre um povo, é porque essa era a coisa certa a acontecer.

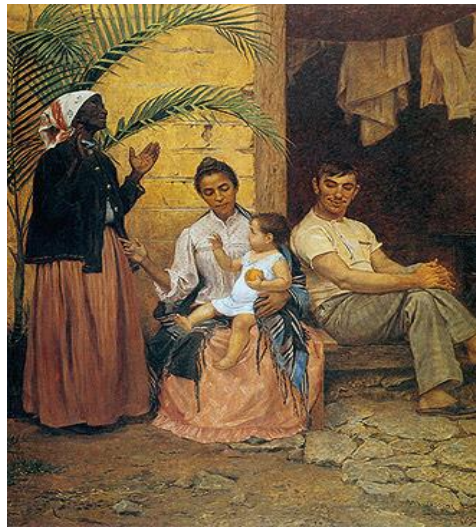
A remissão para essa maldição se estruturou através da miscigenação como única via possível. A proposição dessa mestiçagem encontrava base nas autoridades políticas e científicas, a exemplo disso podemos citar João Batista de Lacerda, médico e autor de várias pesquisas na área de fisiologia e microbiologia (SCHWARCZ, 2011), que acreditava em um Brasil livre de pretos em uma estimativa máxima de cem anos. Para tal, foram implementadas estratégias de flexibilização de imigrantes brancos:

Fato inquestionável é que as leis de imigração nos tempos pós-abolicionistas foram concebidas dentro da estratégia maior: a erradicação da ‘mancha negra’ na população brasileira. Um decreto de 28 de junho de 1890 concede que é

inteiramente livre a entrada nos portos da República, dos indivíduos válidos e aptos para o trabalho[...] Excetuados os indígenas da Ásia ou da África, que somente mediante autorização do Congresso Nacional poderão ser admitidos'. (NASCIMENTO, 2016, p. 87)

Em tela pintada por Modesto Brocos em 1895 e intitulada “A redenção de Cam”, é possível perceber, de forma muito ilustrativa, essa tentativa constante de aniquilar qualquer vislumbre de negritude associado ao conceito de humanidade.

FIGURA 1 – A redenção de Cam



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural

A tela integra em sua narrativa a justificativa cristã da maldição de Cam e apresenta como solução desse problema o embranquecimento em massa. Na obra estão representados quatro personagens. A velha negra de tom retinto, com mãos estendidas ao céu em forma de agradecimento. A mulher adulta e negra, de tom mais claro, oriundo do processo de miscigenação. O homem branco, despreocupado e com sorriso contente. E, por último, a criança branca em todos os seus aspectos, representando a conclusão bem-sucedida da redenção do pecado de ser negro.

O ‘problema’ seria resolvido pela eliminação da população afrodescendente. Com o crescimento da população mulata, a raça negra iria desaparecendo sob a coação do progressivo clareamento da população do país. Tal proposta foi recebida com elogios calorosos e grandes sinais de alívio otimista pela preocupada classe dominante. (NASCIMENTO, 2016, p. 84)

A socialização através desses processos culturais aloca a existência de um grupo de pessoas em um estado de ilegitimidade. Para Amílcar Cabral (1995) “o colonizador não só cria um perfeito sistema de repressão da vida cultural do povo colonizado, como ainda provoca e desenvolve a alienação cultural de parte da população” (p. 363). Essa assimilação cultural é apenas mais um braço desse apagamento histórico, existem também outras estratégias que

corroboram para a manutenção desse poder, as leis instituídas, os veículos de comunicação, os processos educativos em todos os seus níveis, a instituição governamental como um todo, independentemente de quem ocupe o posto de chefia, dentre outras tantas. A implementação desse sistema vem diluída em todos os âmbitos possíveis com propósito de inibir o desenvolvimento de uma autopercepção e até de uma autoprodução das pessoas negras, e essa também é uma forma de aniquilamento em massa.

6 Considerações finais

Essa reflexão reverbera a importância das, já instituídas, leis de nº 10.639/2003 e 11.645/2008 que versam respectivamente sobre as diretrizes curriculares para a educação das relações étnico-raciais e as diretrizes e bases curriculares nacionais para o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena. Reafirmam como a aplicabilidade dessas leis é de suma importância, pois a formulação dos currículos educacionais não acontece de forma a se isentar da lógica animalizadora dos povos negros. Há, então, uma enorme necessidade de alterar as cosmovisões que direcionam nossas teorias e conseqüentemente nossas práticas. Estima-se que este texto, ao ser lido por professores, possa contribuir para a compreensão da necessidade de trabalhar textos que tragam a perspectiva dos narradores afrodescendentes.

Retomar essas narrativas mostra-se como fundante nesse processo de rompimento com a linha temporal na qual a concepção universalizante de sujeito está unicamente atrelada à branquidão. Esse afastamento entre um povo e seu berço civilizatório obteve sucesso enquanto estratégia de dominação e determinou a constituição de uma identidade adoecida, sendo assim, uma das possibilidades de caminho a ser seguida passa pela cisão dessa lógica.

Essa é uma tarefa bem difícil, até por todos os fragmentos e memórias que se perderam ao longo dos tempos ao se separarem comunidades inteiras. Porém, os mecanismos de resistência existiram e existem e é através dessas fissuras que esse processo encontra vez na nossa sociedade. É necessário localizar de forma central as experiências das pessoas até então marginalizadas, promovendo a produção de uma autocelebração e conseqüentemente a melhoria dessa autoestima fragilizada. Assim sendo, a literatura só poderá desempenhar uma função humanizada ao romper com os enlacedores racistas que direcionam um olhar embranquecido para todos os corpos.

Referências

- ADICHIE, C. N. [jul. 2009]. Palestra proferida na conferência TEDGlobal 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story. Acesso em: 03 jul. 2020.
- ASANTE, M. K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, E. *Larkin: Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- BARRETO, L. O pecado. In: *O homem que sabia javanês e outros contos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1997. Disponível em:

http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/Javanese%20e%20Outros%20Contos.pdf. Acesso em: 02 set. 2019.

BÍBLIA. Gênesis. In: BÍBLIA. Português. *A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento*. A Igreja de Jesus Cristo dos santos dos últimos dias. Salt Lake City, 2015.

BROCOS, M. *A Redenção de Cam*. 1895. 199.00 cm x 166.00 cm.

CABRAL, A. *A Arma da teoria*. Unidade e Luta, vol. 1, textos coordenados por Mário de Andrade, Lisboa, Comité Executivo da Luta do PAIGC e Seara Nova, 1995.

CARNEIRO, A. S. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 12, jan. 2020.

CANDIDO, A. *O direito à literatura: vários escritos*. 4.ed. São Paulo e Rio de Janeiro: Duas cidades, Ouro sobre azul, 2004.

CORREIA, W. *Deus é negro: da partida, da chegada, da multiplicação: poesia*. Salvador: Pinaúna, 2013.

CUTI, L. S. *Literatura Negro-Brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DOVE, N. Mulherisma Africana. *Jornal de Estudos Negros*, Vol. 28, n.5, maio de 1998, pp. 515-539, 1998. Sage Publications, Inc. Disponível em: <https://estahorareall.files.wordpress.com/2015/11/mulherisma-africana-uma-teoria-afrocecc82ntrica-nah-dove.pdf>. Acesso em: 22 out. 2019.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1579>. Acesso em: 01 abr. 2020.

FRAZÃO, D. Lima Barreto escritor e jornalista. *Ebiografias*. 2019. Disponível em https://www.ebiografia.com/lima_barreto/. Acesso em: 22 fev. 2021.

EVARISTO, C. *Escrevivência*. Vídeo. (23:18 min.). Publicado pelo canal Leituras Brasileiras. 05 fev. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em: 22 fev. 2020.

EVARISTO, C. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, N. M. B.; SCHNEIDER, L. *Mulheres no mundo – etnia, marginalidade, diáspora*. João Pessoa: Idéia/ Editora Universitária – UFPB, 2005.

EVARISTO, C. Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *SCRIPTA*. Belo Horizonte. v. 13. n. 25. pp. 17-31. 2009.

EVARISTO, C. [abr.2013]. Belo Horizonte: UFGM, 2013. Depoimento proferido no V Colóqui Mulheres em Letras, realizado na Faculdade de Letras da UFGM. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=heHftI429U4>. Acesso em: 04 mar. 2020.

EVARISTO, C. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro. Pallas, 2016.

FERREIRA-SANTOS, M.; ALMEIDA, R. *Antropológicas da educação*. 2. ed. São Paulo: Képos, 2016.

FELINTO, M. *As mulheres de Tijucopapo*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1992.

FLOR DO NASCIMENTO, W. Temporalidade, memória e ancestralidade: enredamentos

africanos entre infância e formação. In: RODRIGUES, A. C.; BERLE, S.; KOHAN, W. O. (org.). *Filosofia e educação em errância: inventar escola, infâncias do pensar*. Coleção Eventos. Rio de Janeiro: NEFI, 2018.

JESUS, C. M. *Meu estranho diário*. São Paulo: Xamã, 1996.

LANE, S. T. M. *O que é psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1981, – Coleção primeiros passos; 39. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/4484417/silvia-t-maurer-lane-o-que-e-psicologia-social-pdf>. Acesso em: 19 fev. 2021.

LOPES, E.; SILVA, R. *Lima Barreto e a literatura Afro-Brasileira: o preconceito social e étnico nas malhas da ficção*. Literafro: o portal da literatura afro-brasileira. Novembro de 2017. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/28-critica-de-autores-masculinos/445-lima-barreto-e-a-literatura-afro-brasileira-o-preconceito-social-e-etnico-nas-malhas-da-ficcao>. Acesso em: 19 de fev. de 2021.

MARTINS, L. A fina lâmina da palavra. *Revista O eixo e a roda: revista de literatura brasileira*. v. 15, 2007. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda. Acesso em: 22 fev. 2020.

MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MYERS, D. G. *Psicologia Social*. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

NASCIMENTO, A. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NOBLES, W. Sakhu Seti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. In: LARKIN, E. *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.

NOGUERA, R. Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado. *Revista África e Africanidades*. Ano 3. n. 11, novembro, 2010. Disponível em: https://africaeaficanidades.net/documentos/01112010_02.pdf. Acesso em: 26 out. 2020.

NOGUERA, R. *O ensino de filosofia e a lei 10.639*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

PINHO, C. M. S. *Juventude, Teatro e Educação: um olhar a partir da Afroperspectiva*. 2020. 79 p. Programa de Pós-Graduação em Educação. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso. Rondonópolis, 2020.

RAMOS, A. G. *Patologia Social do Branco Brasileiro*. In: RAMOS, A. G. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

RAMOSE, M. B. Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana. Trad. Dirce Eleonora Nigo Solis, Rafael Medina Lopes e Roberta Ribeiro Cassiano. In: *Ensaio Filosóficos*, Volume IV, Outubro de 2011.

SAVOIA, M. G. *Psicologia social*. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.

SILVA, A. *Psicologia Petra, Infância e Afetos: Uma orientação didática Afroperspectivista*. 2020. 56 p. Programa de Pós-Graduação em Educação. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso. Rondonópolis, 2020.

SOUSA, N. S. *Tornar-se negro: as vicissitudes do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SKINNER, B. F. *Ciência e Comportamento humano*. Brasília: Ed. UnB/ FUNBEC, [1953], 1970.

SKINNER, B. F. Selection by consequences. *Science*, 213, pp.501-504, 1981. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1126/science.7244649>. Acesso em: 19 de fev. de 2021.

SCHWARCZ, L. M. Previsões são sempre traiçoeiras: João Batista de Lacerda e seu Brasil branco. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.18, n.1, jan.-mar. 2011, pp. 225-242.

TURE, K. *Do poder preto ao pan-africanismo*. 2018. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/n8vx8vv> Acesso em: 04 abr. 2020.

TODOROV, T. A. *Literatura em Perigo*. Rio de Janeiro: Difel, 2014.

TRINCHÃO, F. *A talha*. Salvador: Casa de Oya, 2020.

Recebido em: 28/02/2021

Aceito em: 20/06/2011